Ponto Urbe
Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

7 | 2010
Ponto Urbe 7

Etnografando a Caminhada Contra a Intolerância Religiosa

Edlaine de Campos Gomes, Hugo de Souza Didier e Yhuri Cruz da Silva

Edição electrónica
URL: http://journals.openedition.org/pontourbe/1614
DOI: 10.4000/pontourbe.1614
ISSN: 1981-3341

Editora
Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica
Edlaine de Campos Gomes, Hugo de Souza Didier e Yhuri Cruz da Silva, « Etnografando a Caminhada Contra a Intolerância Religiosa », *Ponto Urbe* [Online], 7 | 2010, posto online no dia 31 dezembro 2010, consultado o 02 maio 2019. URL : http://journals.openedition.org/pontourbe/1614 ; DOI : 10.4000/pontourbe.1614

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© NAU

Etnografando a Caminhada Contra a Intolerância Religiosa

Edlaine de Campos Gomes, Hugo de Souza Didier e Yhuri Cruz da Silva

1 A "Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa" vem sendo realizada desde 2008, no Rio de Janeiro. Reúne diversas correntes religiosas e da sociedade civil, com o objetivo de visibilizar o tema da intolerância religiosa no país, especialmente no que concerne às religiões afro-brasileiras. A terceira edição do evento, em 2010, consistiu em foco do trabalho de campo da equipe que desenvolve o projeto de pesquisa "Manifestações religiosas no Rio de Janeiro: autenticidade, trajetórias e deslocamentos"[1] .

Este media não pode ser visualizado aqui. Consulte a edição em linha http://
2 journals.openedition.org/pontourbe/1614

3 A Caminhada deste ano constituiu fruto de uma sequência de atividades empreendidas pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa – RJ (CCIR), que compôs um quadro programático com seminários, encontros com líderes religiosos e autoridades públicas (Polícia Militar - RJ) e plenárias, quatro ao total. A divulgação do evento em Copacabana contou com a publicidade em meios de transporte como ônibus, metrô e carros de participantes. Estações do metrô e da Supervia foram locais estratégicos para a alocação de cartazes. Esta última, por sinal, apoiou o evento na confecção dos panfletos e na disponibilidade, junto ao Metrô, de um montante de passagens aos participantes da Caminhada. Na sexta-feira anterior ao evento, ao meio-dia, membros da comissão, com auxílio de alguns colaboradores, realizaram "panfletagem" no Centro do Rio de Janeiro, com concentração na Candelária, seguindo até a Praça Cinelândia. Alguns religiosos portavam suas vestimentas cerimoniais, o que gerou curiosidade e, também, certo olhar de estranhamento por parte de alguns transeuntes. Nota-se, portanto, que a Caminhada começou bem antes do dia 19 de setembro.

4 A 3ª. Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, realizada na praia de Copacabana, evidenciou uma preocupação com a organização. Foram utilizados três trios elétricos, capazes de difundir as falas dos representantes das instituições presentes e as músicas. A

concentração foi marcada para as 11:00 horas da manhã, no entanto, a estrutura do evento começou a ser erguida desde o início do dia (19-09-2010), em meio à dinâmica e o cotidiano da praia. Ainda com presença de poucos banhistas, turistas e moradores do bairro, devido ao tempo nublado, o conjunto da Caminhada começou a ganhar forma com a gradativa chegada dos participantes das mais diferentes correntes religiosas, de vários locais do Rio de Janeiro e de outros estados. Quem caminhasse em Copacabana na manhã de domingo, do Posto 4 em direção ao Forte, perceberia um movimento distinto na praia, em comparação com os fins de semana convencionais. O cotidiano das ruas estava alterado, aos poucos adequava-se à lógica dos grupos que passavam a ocupar a orla.

5 Os participantes podiam ser identificados e localizados em nichos, em posições dispersas, mirando o melhor local de espera para o evento. O espaço aos poucos recebia novos personagens. Estratégia de visibilidade no espaço público, a utilização da avenida diante da famosa praia permite disseminar o discurso, que tem como bandeira a luta contra a intolerância religiosa. Aqueles que esperavam o começo do evento para as 11 da manhã conseguiram acompanhar outro movimento de reivindicação, que também se apresentava na orla da Praia de Copacabana. Movimentos como o "Superação Rio 2010", organizado pelo grupo Espaço Novo Ser, com o lema "Respeito à diversidade", defendia os direitos humanos, a inclusão social responsável e de qualidade, a acessibilidade e adaptação dos transportes coletivos. Ao prosseguir pela praia, na altura do posto 5, próximo aos trios elétricos que estavam sendo preparados para a Caminhada, outra concentração evidenciava o fluxo das atividades possíveis no espaço público. Com outra lógica, a competição de natação atraía um público específico.

6 O estande erguido pelos membros da comissão, na altura do posto 6, servia como pólo de controle funcional de toda infra-estrutura da Caminhada. Neste ponto, onde se localizavam técnicos e colaboradores, além de um instrumental tecnológico (computadores e demais aparelhos), estavam sendo distribuídos crachás e camisas com a propaganda do evento. Uma fila de participantes se formou nesta parte do calçadão. Em frente desta estrutura grupos realizavam propaganda política de variados partidos, com todos os integrantes vestindo camisas, bonés e empunhando uma bandeira com o número do candidato ou a representação do partido. Afinal, era época de campanha eleitoral. Um fato curioso foi o corpo-a-corpo realizado por um candidato a um cargo legislativo do estado, que vestia a camisa da caminhada. Quando abordados pelo candidato, perguntamos sobre sua possível relação com o evento que se formava. Ele afirmou que a camisa estava sendo distribuída a qualquer pessoa e que se quiséssemos, ele nos conseguiria uma, caso fosse nosso desejo. A 3ª. Caminhada era percebida como evento legitimador e significativo dentro de um contexto permeado pelas eleições, o que independia da participação/convergência ou não, em relação às propostas do encontro.

7 Com o decorrer do tempo, cada vez mais os participantes da Caminhada recheavam a orla de Copacabana, com faixas, cartazes, distintas vestimentas, músicas, crenças. O calçadão, com seus andarilhos de fins de semana, a pé ou de bicicleta, passavam a encontrar dificuldades em percorrer o caminho, devido ao grande fluxo de pessoas. Nos quiosques e na área destinada ao lazer, os transeuntes (moradores e turistas) olhavam com curiosidade para aquela composição de pessoas com a camisa apresentando a frase "Caminhando a gente se entende", ou trajando vestes características de sua crença. Membros e colaboradores da comissão disponibilizavam camisas com a estampa do evento e um pequeno informativo era distribuído para o público. Sob o título "Jornal da

Caminhada", continha informações sobre o movimento realizado pela CCIR-RJ, junto ao Fórum de Diálogo Inter-religioso.

8 Com a orla já lotada por religiosos, simpatizantes e curiosos ao movimento (contando aí com turistas), a caminhada teve seu início com algumas horas de atraso, e com a participação de milhares de pessoas. Ao ritmo de uma banda, vinda de Salvador (BA), alguns turistas, moradores e participantes da caminhada dançavam no compasso do trio elétrico. Vários registravam o momento por meio de fotografias. A música intercalava-se às falas de líderes religiosos, que evocavam o valor da tolerância religiosa em um país laico.

9 Na abertura da Caminhada, representantes dos grupos religiosos andavam de mãos dadas, posando para os fotógrafos. Mais à frente, um grande banner do evento, com o lema "EU TENHO FÉ", inaugurava a terceira edição do evento, acompanhado pelos gritos ensaiados "Eu tenho fé, Axé!". De cima de um dos trios elétricos, Cláudio Nascimento, superintendente da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, falava sobre o evento. Entre suas declarações, caracterizou o encontro como de expressão nacional, que ultrapassa fronteiras regionais e visa reafirmar os valores da democracia e da cidadania. Identificou como seu principal objetivo a reivindicação de uma sociedade justa, na qual a fé não seja motivação de qualquer tipo de agressão. Além disso, discorreu sobre a separação entre Estado e Religião, enfatizando que "laicidade não é omissão". Para ele, o Estado, por dever, deve defender aqueles que são agredidos por sua escolha religiosa. Citou a inauguração do "Centro de Atendimento a Pessoas Discriminadas pela sua Religiosidade", que ocorreu no dia 1° de julho de 2010.

10 Logo em seguida ouvimos um breve comentário do Padre Fábio, da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Mais uma vez, a questão era o diálogo interreligioso, visto como fator importante para a existência de respeito entre as religiões, afinal, "ainda que cada um tenha sua fé, todos têm fé em algo". Esta seria a interseção, o ponto em comum com todos os presentes ali, e com os demais religiosos ausentes.

11 Enquanto no meio da avenida todos caminhavam, pulavam e reivindicavam respeito e liberdade religiosa, nas calçadas foram dispostos estandes para coleta de assinaturas para a aprovação de leis referentes à temática religiosa. Exemplo disto é a chamada "Lei Griô",

12 Em termos quantitavos, considerando um olhar geral sobre o público, havia predominância de integrantes das correntes religiosas afrobrasileiras (Candomblé e Umbanda). Segundo Ivanir dos Santos, uma das principais lideranças do movimento, não se pode "deixar os setores intolerantes crescerem. Há mais de 30 anos, eles perseguem a Umbanda e o Candomblé", em nítida alusão aos grupos evangélicos pentecostais e neopentecostais. No entanto, era possível notar a presença de diferentes grupos, ainda que em número reduzido: ciganos, wiccanos, judeus, hare-krishnas, muçulmanos, espíritas, anglicanos, católicos, umbandistas e candomblecistas.

13 Os grupos compunham a estrutura da caminhada em posições fixas. Servindo como analogia, a composição assemelhava-se a uma escola de samba, no momento em que desfila na avenida, com suas alas ajustadas, em suas respectivas posições. Porém, tal referência serve apenas de perspectiva visual, já que mesmo juntos e entoando um argumento afinado, cada grupo (ou ala) possuía suas propostas, respondendo de forma particular à intolerância. Ainda no que tange à formação dos grupos, no que diz respeito à "harmonia", quando observamos a parte mais ao fundo da caminhada, verificamos grupos religiosos entoando seus próprios cantos e orações, como o caso do grupo católico

que cantava uma musica específica. No fluxo da caminhada, a imprensa buscava capturar cada instante peculiar. Um momento de mobilização, por parte dos fotógrafos, foi a chegada de um grupo de muçulmanos, com trajes característicos de sua religião.

14 A realização da "Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa" na orla da cidade do Rio de Janeiro, em uma de suas praias mais famosas, propiciou uma série de impressões, não somente sobre o respeito à diversidade religiosa no espaço público, mas também sobre sua ocupação. Religiosos, moradores do bairro e transeuntes da praia foram abordados pela equipe e, assim, foi possível obter opiniões sobre tais questões.

15 Maria da Conceição, 61 anos, católica (Paróquia Santa Bernadete, Higienópolis), reconhece na caminhada um discurso positivo para o que ela nomeou de "momento de paz". Dona Maria, como pediu que a chamasse, salientou que sua igreja, após ter padre "Gegê" à frente da paróquia, empreendeu alguns passos no sentido do diálogo inter-religioso. Porém, percebe-se levemente em sua fala uma dificuldade em lidar com certas correntes religiosas, sobretudo as afrobrasileiras. Nota-se este aspecto na seguinte fala: "[...] essa caminhada é muito boa para se ter um momento de paz [...] Deus fez o mundo para as pessoas viverem nele, mesmo que algumas não estejam no caminho certo (...) são filhos de Deus também".

16 Jéferson dos Santos, 27 anos, candomblecista (Águas de Oxum, Queimados), expressou empolgação em relação à Caminhada. Em suas palavras: "a violência que nós sofremos não tem sentido", e continua, referenciando aos neopentecostais da IURD, "[...] eles não estão aqui, não entendo que fé eles têm [...]".

17 Pedro, 23 anos, passeava pela praia com sua esposa, Carolina, também de 23 anos. Moradores de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro, questionaram a ausência de evangélicos. Assim que foi indagado sobre sua opinião em relação ao movimento, Pedro respondeu com uma pergunta: "Onde estão os evangélicos?". Carolina argumentou: "Eles [participantes da Caminhada] falam de fé, liberdade religiosa, mas não tem evangélicos aqui. Nós somos evangélicos [Assembléia de Deus] e não sabíamos disso".

18 Outras pessoas, como Carlos Augusto, aposentado, 69 anos, morador do bairro (desde a infância), quando perguntada sua opinião a respeito do movimento respondeu, após alguns segundos de silêncio: "Por mim (...) só é chato pelo barulho que eles fazem. Um domingo é um dia para descansar". Já Marly, empresária de 49 anos, também moradora do bairro (desde os 22 anos), possui uma posição receptiva ao evento, evidenciando o caráter laico e democrático do espaço público, afirmando: "todos têm o direito de expressar sua opinião, nosso país é livre [...]".

19 A Caminhada passou pela avenida. O recado foi dado. Terminou com a dispersão dos grupos. Mas a dinâmica da cidade não pára. A praia permanecerá lá, com a presença de moradores, turistas, novas manifestações de grupos distintos, com reivindicações as mais variadas. Serve de cenário, mas também se apresenta como personagem central, como lugar de legitimação, reconhecimento e visibilização. Assim, no mesmo fluxo, o discurso e a mobilização contra a intolerância religiosa prosseguem, repercutindo e sendo marcados pelo espaço que os acolhem nesses últimos anos.

NOTAS

1. A equipe da pesquisa acompanhou duas edições da Caminhada (2009 e 2010), no âmbito do projeto "Manifestações religiosas no Rio de Janeiro: autenticidade, trajetórias e deslocamentos", coordenado por Edlaine de Campos Gomes. As fotografias constantes no presente relato foram capturadas por Hugo Didier e Yhuri Silva, durante a etnografia realizada no evento de 2010. (http://www.youtube.com/watch?v=tnQR7wKE5Fw).

AUTORES

EDLAINE DE CAMPOS GOMES

(DFCS-PPGMS-UNIRIO)

HUGO DE SOUZA DIDIER

Bolsista PIBIC-CNPq-UNIRIO)

YHURI CRUZ DA SILVA

Bolsista PIBIC-CNPq-UNIRIO